
Nestor García Canclini (2020):

Ciudadanos reemplazados por algoritmos

Bielefeld: University Press, 176 páginas.

Resenha por Camila Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Escrito enquanto o mundo assiste à ascensão política da extrema direita, a obra de Canclini, de caráter ensaístico, propõe-se a questionar o papel dos cidadãos frente ao desenvolvimento tecnológico que parece submeter a cidadania aos processos algorítmicos. Ainda que alguns atores de movimentos sociais consigam vitórias parciais, há um processo de “descidadanização”, em que o espaço público é distante e opaco. O autor discute o papel dos cidadãos no capitalismo global e eletrônico que coloca os algoritmos como um novo poder estruturador, com especial atenção aos seus impactos na América Latina. Destaca-se ainda o esforço de apontar de que maneira estes processos afetam fundamentalmente os jovens, desconectando-os da política e tornando-os desesperançosos. A globalização é percebida, muitas vezes, de maneira antagônica. De um lado, vê-se com descrédito seus efeitos, é acusada de causar a perda de direitos sociais e desemprego. De outro, a tecnologia digital, efeito da globalização socioeconômica e cultural, é vista como algo capaz de conectar e unir indivíduos.

O objetivo é debater a “sobrevivência agônica” do modelo político-partidário e a “insuficiência das visões tecnocráticas que confiam a organização da sociedade a uma articulação algorítmica imaginada

como neutra” (Canclini 2020: 15). Há uma redefinição do sentido social que envolve os hábitos, o trabalho, o consumo, a comunicação e o isolamento das pessoas a partir da reformatação do poder político e econômico. Destaca-se o potencial democratizador das tecnologias da informação e comunicação a partir de seus usos, principalmente por jovens, para construir distintos modos de recriar a sociedade. Além disso, o tema dos algoritmos é debatido em diálogo com obras de Harari, Gramsci, Spivak, Lins, Harvey, Sadin, Ginzburg, entre outros, além de trabalhos anteriores do próprio autor.

O texto divide-se em oito partes. A primeira, introdutória, denominada “Cidadãos apanhados”, discorre sobre o processo de globalização e desglobalização, os rastros de despolitização e uma aparente autossabotagem que elege governos que contrariam os interesses dos próprios grupos que o elegeram. Trata da surpresa dos liberais diante dos nefastos efeitos do neoliberalismo e do fato de ainda votarmos, agora combinando o desgaste provocado pela incompetência das elites e a racionalidade volátil dos eleitores. O resultado envolve condições objetivas e subjetivas e, muitas vezes, tem consequências eleitorais. Assim, é preciso reinventar as conexões que nos unem socialmente para

transformar o cenário.

“Eles o veem passar pela estrada” aponta para a localização dos latino-americanos na periferia do capitalismo, bem como o neoliberalismo promotor de desmonte do estado, fragilizando cidadãos que se tornam consentidamente submissos ao capitalismo eletrônico. As disputas ideológicas parecem perder sentido perante a incapacidade de resolução de conflitos gerados pela precarização do trabalho, desemprego e insegurança, além das sucessivas denúncias de corrupção. A política causa desconfiança, fazendo duvidar da democracia, mas também motiva a articulação em organizações extrapartidárias para defendê-la ou mudá-la. Muitos apegam-se a líderes incapazes de provocar melhoras nas condições de vida.

“Dos cidadãos midiáticos aos monitorizados” debate sobre os aspectos inclusivos ou excludentes da videopolítica. Formas clássicas de exercer a cidadania foram deixadas de lado por causa do poder da mídia. Ser usuário ou espectador assíduo de tecnologias da informação e comunicação não tornam um indivíduo cidadão. Isto gera modificações no entendimento do público. Canclini indica que o público pode ser pensado agora como espaço que permite que nos encontremos com os outros sem nos destruímos. Aí parece residir grande dificuldade.

O capítulo seguinte, “Jovens: consumidores, delinquentes, atores alternativos”, debate o papel dos jovens, os principais afetados pelos processos do capitalismo atualmente – afinal, têm menor inserção e estabilidade no mercado de trabalho, ape-

sar de muitas vezes serem mais qualificados. É a juventude que enfrenta maior precariedade e a sensação de que tem pouco ou quase nada a perder, porque também é a maior vítima da violência. Nesse capítulo, Canclini tenta demonstrar porque a desigualdade afeta mais os jovens e as expectativas políticas daqueles que, muitas vezes, vivem projeto a projeto e com poucas perspectivas de médio e longo prazo, além das estratégias de militância deste grupo.

“Em que estão pensando os algoritmos?” discorre sobre o determinismo biotecnológico, criticando contundentemente o dataísmo e o liberalismo defendidos por Harari. Canclini sugere que olhemos o debate sobre inteligência artificial a partir do sul global, como Torres García nos lembra que *Nuestro norte es el sur*. Lembra que é necessário ir além no debate sobre monopólio dos dados por grandes corporações.

“Rebeliões dos espiados” discorre sobre as configurações dos movimentos sociais na atualidade e a redefinição da cidadania ante às estruturas do capitalismo tecnológico em um processo de reorganização das formas de enfrentamento das crises políticas, econômicas e sociais. Parece haver, portanto, um choque entre os novos modos de fazer política ou a própria adaptação de movimentos sociais, apesar de muitos destes movimentos perdurarem ao longo do tempo. Os exemplos colocados envolvem o confronto com partidos políticos consolidados ou a transformação de movimentos sociais recém-surtidos em novos partidos políticos. Uma

parte disso deve-se ao fato que os partidos políticos tradicionais desvalorizam a “heterogeneidade legítima das diferenças” (Canclini 2020: 114).

O sexto capítulo, “Das instituições às aplicações”, trata do debate a respeito do sentido da política que faz com que ela possa ressurgir. Deste modo, a hegemonia é redistribuída. As mudanças no modo como a informação é transmitida e recebida alteram a forma como ela é recebida porque pode permitir perceber indícios e criar conexões entre textos antes separados. A relação com e por meio das redes modifica nossos afetos. Há prazer e mal-estar coexistindo e o afeto tem lugar central na configuração do tecnocapitalismo em curso. Este afeto é muitas vezes apropriado por grandes corporações e governos que o utilizam para a perpetuação de valores nem sempre democráticos.

Por último, o epílogo, “Emancipar-se sob a hipervigilância”, aponta que a internet, as redes sociodigitais e a análise de dados algorítmicos possibilitam a construção de novos saberes combinando diferentes áreas do conhecimento. Isto potencializa os recursos para o exercício da cidadania. No entanto, é preciso lembrar que as grandes corporações e governos muitas vezes escondem dados e informações que parecem relevantes para a tomada de decisão.

O título é uma provocação que indica que a cidadania será engolida pelas mudanças tecnológicas. O mais importante não é debater sobre os dados, mas pensar a “reorganização sociocultural da cidadania” (Canclini 2020: 132). Ficam três tarefas

para o exercício da cidadania: a reconstrução do sentido da heterogeneidade para que sejamos solidários, o reconhecimento de que é preciso esperar e que há diversas maneiras de construir uma nova cidadania em andamento.

Canclini nos lembra da importância da centralidade do cidadão no debate político. Destaca-se também uma esperança do autor na capacidade de nos reinventarmos socialmente e assumirmos nossa responsabilidade diante dos algoritmos. Afinal, somos nós quem devemos governá-los.